

EXPRESSIVIDADE E PRODUÇÃO PASSIVA: SOBRE A MEDIALIDADE DOS ACONTECIMENTOS EXPRESSIVOS¹

Vanessa Ossino²

Tradução de Daniel Perico Graciano³
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

RESUMO: Este artigo se dedica à exploração do potencial criativo dos fenômenos expressivos, seguindo a fenomenologia da expressividade de Maurice Merleau-Ponty. A expressividade se revela aqui como um fenômeno de transição, cujo surgimento e processualidade são investigados. Ao explorar os fenômenos expressivos em sua acontecimentalidade, o artigo recorre a uma forma de medialidade que precede tanto a pura atividade quanto a passividade rígida. O argumento culmina na teoria de um tecido relacional de subjetividade, sentido, mundo sociocultural e expressividade.

PALAVRAS-CHAVE: Expressividade; produção passiva; medialidade.

ABSTRACT: This article is dedicated to exploring the creative potential of expressive phenomena, following Maurice Merleau-Ponty's phenomenology of expressivity. Expressivity is revealed here as a transitional phenomenon, whose emergence and processuality are investigated. By exploring expressive phenomena in their eventfulness, the article resorts to a form of mediality that precedes both pure activity and rigid passivity. The argument culminates in the theory of a relational fabric of subjectivity, sense, sociocultural world, and expressivity.

KEYWORDS: Expressivity; passive production; mediality.

*“Sempre há algo a se significar, há sempre algo a ser dito, ao que se aproxima mais ou menos”
(Merleau-Ponty, 2003, p. 136).*

O que acontece quando as pessoas se expressam? A formulação “expressar algo” parece, à primeira vista, se referir apenas linguisticamente ao fato de que algo é transportado para o exterior, algo que antes amadureceu em um interior fechado. Pensamentos, sentimentos, experiências e percepções que encontram sua expressão são, assim, localizados inicialmente em um indivíduo, antes de se tornarem expressivos. Dessa forma, outras pessoas podem ter uma impressão do que se queria comunicar. A esse entendimento de atos expressivos podem ser atribuídas duas suposições implícitas. Em primeiro lugar, a suposição

¹ Traduzido de OSSINO, V. Expressivität als passive Produktivität: Zur Medialität von Ausdrucksgeschehen. In: STERNAGEL, J.; SCHÜRMAN, E. Denken des Medialen (Orgs.). Edition Medienwissenschaft, 2014, p. 37-56.

² Doutora em Filosofosia pela Universidade de Colonia.

³ Doutor em Linguística pela Universidade Federal de São Carlos. E-mail: danip.graciano@gmail.com

de que aquilo que é expresso já existe como um elemento pronto, completo e acessível em uma pessoa, ao qual esta apenas precisa recorrer por meio de meios de expressão. Em segundo lugar, a suposição de que uma expressão é apenas uma espécie de casca de comunicação vazia, que é preenchida com significados disponíveis, de modo que esses significados possam ser transportados para outra consciência. Consideradas assim, as ações expressivas são fundamentalmente funcionais, elas podem transportar o que se quer expressar de forma correta ou incorreta. A própria expressão, nesse caso, tem pouco potencial criativo próprio.

Mas como o poder de expressão humano consegue dar forma a algo novo? Como surgem novas expressões, gestos e horizontes de significado? E por que as pessoas se entendem mal, mesmo quando o significado de suas palavras pode ser claramente definido? A partir de Maurice Merleau-Ponty, podemos nos perguntar como estamos conectados ao universal por meio daquilo que é mais peculiar a nós. A princípio, o que nos é mais peculiar parece ser nosso mundo de experiências subjetivas, sobre o qual podemos refletir. No entanto, essa reflexão já ocorre por meio de meios expressivos que transcendem nosso mundo de experiências aparentemente imanente. Sejam diálogos internos, conversas abertas com amigos ou terapeutas, desenhos ou música, sempre nos servimos de meios de expressão – linguagens, símbolos, gestos – que não nos pertencem exclusivamente. Merleau-Ponty encontra nessas questões o germe de um “milagre”, que representa essa expressividade sobre a qual nunca temos controle total.

Dado que o elemento central da expressão reside em sua função de transmitir sentido e significado, o ato de expressar será analisado principalmente sob essa perspectiva. Merleau-Ponty considera a linguagem verbal, em certo sentido, o instrumento de expressão mais complexo do ser humano, razão pela qual as seguintes reflexões se baseiam em sua filosofia da linguagem. Sua compreensão da linguagem não se limita à combinação de palavras, regras gramaticais e leis lógicas. Para Merleau-Ponty, a linguagem deve ser compreendida em um sentido amplo, como uma forma de uso que não se restringe a seus elementos individuais. Quem deseja compreender a linguagem humana “deve ao mesmo tempo refletir sobre a prática social, a percepção sensorial, a capacidade cognitiva humana e sobre a relação entre linguagem, pensamento, mundo e sociabilidade” (Bertram, Lauer, Liptow, Seel, 2008, p. 10). Essa relação será desenvolvida a seguir, a partir de um conceito de expressão como produtividade passiva. Para explorar o conceito de expressividade como produtividade passiva, a expressividade será considerada, a seguir, especialmente antes de sua “exteriorização”; como aquele fundo de silêncio que não cessa de a envolver e sem o qual ela nada diria (c.f. Merleau-Ponty, 2003, p. 121).

O PARADOXO DO ATO DE SE EXPRESSAR

O “milagre” da expressão, que exploramos aqui seguindo a filosofia da linguagem de Merleau-Ponty, reside em uma performance paradoxal. O uso da

linguagem é sempre uma tentativa de expressar uma experiência, recorrendo a palavras e significados já existentes, “que fundamentalmente transcendem e modificam o sentido das palavras em que se transpõem” (Merleau-Ponty, 1966, p. 443). Como Michaela Summa escreve acertadamente: “Algo em nossa experiência excede todos os meios expressivos que temos, todas as expressões prontas” (Summa, 2020, p. 112). Esse paradoxo não se manifesta apenas em conversas em que tentamos expressar nossas emoções, percepções e experiências de forma precisa, lutando constantemente para nos fazermos mais compreensíveis ao nosso interlocutor e, talvez, a nós mesmos. Também no processo de produção de um texto - como este aqui, por exemplo - o escritor nunca tem controle total sobre o ato de expressar e seu significado. Afinal, é apenas no decorrer do ato de expressar que se revela aquilo que se queria dizer, ou talvez ainda não se pudesse dizer e talvez nunca possa ser dito. A eficácia das terapias conversacionais se baseia em grande parte nesse caráter paradoxal da linguagem, pois é através da própria expressão, através da luta constante pela compreensão do próprio mundo experiencial, que surgem as dimensões da experiência que antes eram “mudas”. Assim, com Edmund Husserl, podemos afirmar que o início de toda expressão é a “experiência ainda muda, por assim dizer, que agora precisa ser levada à pura expressão de seu próprio sentido” (Husserl, 1950, p. 77). Bernhard Waldenfels reconhece nesse caráter paradoxal da expressão uma aporia, que consiste no fato de que aquilo que precisa ser expresso, por um lado, impulsiona a expressão, enquanto aquilo que foi finalmente expresso nunca se encaixa completamente naquilo que inicialmente exigiu uma expressão. Com László Tengelyi, a “experiência ainda muda” que impulsiona sua expressão pode ser descrita como um sentido experiencial, com o qual “não se quer dizer nada além do que precisa ser dito, o que guia o falante em sua busca pela expressão de sua experiência” (Tengelyi, 2007, xii). A aporia à qual Waldenfels se refere indica que o sentido experiencial que impulsiona a expressão nunca se esgota completamente em sua expressão, e toda expressão carrega, portanto, uma incompletude necessária. Essa incompletude, no entanto, não é uma deficiência. Pelo contrário, ela aponta para um caráter essencialmente aberto e dinâmico da expressão.

A expressividade, entendida como um fenômeno aberto e dinâmico, revela uma tensão interna no ato de expressar, “um acontecimento”, como escreve Waldenfels, “que não é idêntico a si mesmo nem pode ser reduzido a suas partes” (1995, p. 109). Essa tensão interna da expressão sempre aponta para um excesso de sentido, um rastro aberto que nunca pode ser totalmente rastreado até sua origem. É de particular interesse aqui o uso específico da palavra “acontecimento”, que Waldenfels escolhe intencionalmente para enfatizar que uma expressão não é pura ação ou criação, nem pura paixão ou recriação (Waldenfels, 1995, p. 110).

Merleau-Ponty demonstra, pelo menos de três maneiras, como o fenômeno da expressão transcende uma subjetividade constituinte e a teoria de uma “língua pronta”. Em primeiro lugar, em sua filosofia da linguagem, ele discute em que medida a consciência humana é marcada por uma pertença constante a um mundo pré-constituído, que é fundamentalmente intersubjetivo e instituído

sociohistoricamente (Merleau-Ponty, 2007, p. 133). Em segundo lugar, ele argumenta que os fenômenos da expressão, em seus traços fundamentais, remetem a uma alteridade original. Em terceiro lugar, essas teses culminam em seu conceito de uma linguagem falada ou atuante, que se situa “abaixo” da linguagem falada, empírica, e que testemunha significados laterais e indiretos, e não simples afirmações. A seguir, precisarei esses três caminhos.

A PERTENÇA DO SUJEITO A UM MUNDO PRÉ-CONSTITUÍDO

A obra de Merleau-Ponty é marcada em todas as suas fases por uma fascinação por diversos elementos de uma intersubjetividade e sociabilidade vividas. Essa fascinação o levou, ao longo de seu trabalho, cada vez mais além de uma teoria estritamente fenomenológica de uma consciência constituinte, o que é particularmente evidente em seu conceito de instituição. Com esse conceito, ele se volta explicitamente contra a ideia de uma consciência que dá sentido. Em vez disso, o sentido se forma de maneira generativa (Husserl, 2003), se institui – historicamente, culturalmente, passivamente. É menos a consciência que constitui o sentido de forma linear, mas sim uma consciência que se desenvolve, como argumenta Scott L. Marratto, antes de tudo ao longo de seus momentos expressivos, que abrem uma relação do eu consigo mesmo. A relação reflexiva da consciência com suas experiências é, portanto, sempre mediada por uma ordem de significados cuja origem não é a própria consciência (Marrotto, 2012, p. 202). Tal ordem de significados está desde sempre inserida em práticas sociais, por exemplo, no uso já existente de palavras e nos gestos de uma cultura. Uma formação de sentido que não se esgota em uma atribuição de sentido pode ser descrita, com Eugen Fink, como uma instituição de sentido. Nas palavras de Merleau-Ponty, uma instituição de sentido se assemelha à instituição de uma “tradição de sentido” (Merleau-Ponty, 2002, p. 26). A instituição, segundo Merleau-Ponty, não é um pensamento abrangente, mas um pensamento aberto, não a intenção deliberada de um centro subjetivo concreto, nem a fixação de um fim predeterminado, mas a instituição de um estilo, o que ele também chama de “divergência lateral”. A pertença do sujeito a um mundo pré-constituído implica que a origem do sentido e do significado, que estão no centro de todo ato de expressão, não se origina em uma consciência (individual), mas está fundamentalmente situada socialmente e, assim, precede o cogito. Marratto também argumenta nesse sentido quando escreve:

Expressão não é algo que um sujeito faz. Quer dizer, a unidade do gesto expressivo não precisa ser sustentada por uma consciência que assim poderia reconhecer seu ato expressivo como seu; ao contrário, a unidade do sujeito em si depende do sentido que é articulado no gesto expressivo, e essa articulação do sentido já se inscreve em um sistema linguístico no qual deve ser entendida (Marrotto, 2012, p. 202).

A dependência de um sujeito a um sentido que surge primeiramente através de um ato de expressão, aponta para uma dimensão de indisponibilidade e impenetrabilidade da ordem de significados que constitui o pano de fundo de cada momento expressivo. Merleau-Ponty, com a ideia de que a consciência já está inserida em um mundo pré-constituído de expressividade, se opõe explicitamente à filosofia da linguagem inicial de Husserl. Nas Quartas Investigações Lógicas, Husserl desenvolve a ideia de “que a linguagem é um dos objetos que a consciência constitui de forma soberana, e que as línguas atuais são casos especiais de uma língua possível, cujo segredo é guardado apenas pela consciência” (Merleau-Ponty, 2007, p. 117). A linguagem, na eidética inicial de Husserl, torna-se assim um objeto do pensamento, de modo que, segundo Waldenfels, uma eidética da linguagem necessariamente leva a uma teoria da atividade expressiva, na qual a linguagem é reduzida a um instrumento sempre disponível da consciência. No entanto, já em sua *Lógica Formal e Transcendental*, Husserl apresenta uma outra imagem, na qual a linguagem se torna uma forma original através da qual a consciência se relaciona com o mundo (cf (Merleau-Ponty, 2007). A partir de então, para Husserl, a linguagem também não resulta mais de uma mera performance constitutiva da consciência, mas toda relação consciente com o mundo é entendida como fundamentalmente permeada pela linguagem e situada nela. A fenomenologia da linguagem de Merleau-Ponty se conecta, em seus traços fundamentais, a esse pensamento de Husserl e aprofunda suas reflexões ao longo de uma situada originalidade em uma linguagem que é muito mais do que o “resíduo de atos de significação passados” e o “registro de significados já adquiridos” (Merleau-Ponty, 2007, p. 119). Uma linguagem tão viva testemunha um campo social e intersubjetivo-fenomenal que não pode ser reduzido à performance constitutiva de uma única consciência.

EXPRESSÃO COMO FENÔMENO DE ALTERIDADE

“Nós mesmos, que falamos, nem sempre sabemos melhor o que expressamos do que aqueles que nos ouvem” (Merleau-Ponty, 2022, p. 128). Com essa afirmação, Merleau-Ponty aponta para as dimensões intersubjetivas e alteritárias de um ato de expressão. Um ato de expressão é intersubjetivo na medida em que está pre-constitutivamente inserido em uma ordem de significados que está geneticamente entrelaçada com um mundo sociocultural e, portanto, antecede qualquer intenção de significação. A citação também aponta para uma alteridade original do ato de expressão, pois uma pessoa que se expressa pode ser surpreendida por sua própria expressão (Merleau-Ponty, 2022) e se descobrir de novas maneiras através de seu ato expressivo. Seguindo essa linha de pensamento, Merleau-Ponty escreve: “Na medida em que o que digo tem um sentido, eu, ao falar, sou para mim mesmo um outro ‘outro’, e na medida em que compreendo, não sei mais quem fala e quem ouve” (Merleau-Ponty, 2022, p. 136). Como Dimitris Apostolopoulos mostra de forma convincente, foram

especialmente os estudos de Merleau-Ponty sobre a estrutura do diálogo que motivaram sua premissa central de que o sentido e o significado devem sempre ser analisados à luz de uma alteridade e intersubjetividade (Apostolopoulos, 2019). Duas conclusões centrais que resultam desses estudos de Merleau-Ponty - especialmente de sua obra *Fenomenologia da Percepção* - são, em primeiro lugar, que a posição do falante em um diálogo é reversível e, em segundo lugar, que a análise do diálogo exige uma reformulação dos conceitos de “atividade” e “passividade”. Com o primeiro ponto, nega-se a suposição de que duas posições subjetivas fundamentalmente autárquicas se confrontam em um diálogo. Assim, Merleau-Ponty argumenta que um diálogo não está estruturado de acordo com uma correspondência alternada entre duas categorias isoláveis e independentes - um sujeito e um objeto. Em vez disso, o diálogo estabelece uma relação com outra pessoa que subverte um dualismo estrito entre sujeito e objeto: “Uma relação com outra pessoa que torna difícil dizer que ‘eu’ estou ‘aqui’ e meu ‘interlocutor’ está ‘lá’” (Apostolopoulos, 2019, p. 160). Em um diálogo, uma pessoa, portanto, não pode ser a única juíza do horizonte de sentido de sua expressão, pois a forma dialógica é uma performance expressiva fundamentalmente recíproca, na qual o sentido e o significado não são formas universais de ideias linguísticas, mas sim um conjunto de gestos convergentes. Essa conclusão leva Merleau-Ponty a uma reformulação dos conceitos de atividade e passividade em um ato de expressão.

Entre mim como discurso e o outro como discurso, ou de forma mais geral, entre mim como expressão e o outro como expressão, não existe mais a alternativa que transforma essa relação entre consciência e consciência em uma rivalidade. Eu não sou apenas ativo quando falo, mas antecipo minha fala ao ouvir o outro; eu não sou apenas passivo quando ouço, mas falo de acordo com o que o outro diz. Falar não é apenas minha própria iniciativa; ouvir não é apenas deixar que a iniciativa do outro me afete (Merleau-Ponty, 1984, p. 158).

Essas reflexões sobre o diálogo levam Merleau-Ponty à conclusão de que nem o falante nem o ouvinte são totalmente ativos ou passivos em suas posições. Toda escuta envolve uma atividade, assim como toda fala envolve uma passividade que transcende uma pura iniciativa. Seguindo Waldenfels, podemos desenvolver ainda mais esse pensamento através de sua fenomenologia da responsividade. Nela, ele descreve que todo ato de significação e expressão possui um caráter de resposta, que vai além de uma “pura ação” e “pura paixão”. O caráter responsivo do dialógico acompanha o fato de que a formação de sentido em um ato de expressão é, em última análise, semelhante a um evento que transcende as intenções conscientes e os mecanismos causais. Como um evento, um ato de expressão não se resume a uma pura ação nem a um sofrimento passivo. Como Waldenfels enfatiza, “uma experiência que começa com o sofrimento exige uma linguagem diferente e também uma lógica diferente” (2006, p. 50). Um caráter tão eventual da expressividade é descrito por Merleau-Ponty como uma espontaneidade que conecta as pessoas em seus atos expressivos e não “tolera instruções unilaterais” (Merleau-Ponty, 1984, p. 162). Uma teoria da expressão que, em seus traços

fundamentais, lida com fenômenos intersubjetivos e alteritários, trata de um meio-termo e de uma espécie de equilíbrio, que não é a soma finita de signos, nem uma terceira instância entre elementos isolados em si mesmos, mas sim de um “campo aberto” e de um “órgão da cultura humana em formação” (Merleau-Ponty, 1984, p. 140). Tal meio-termo, que Merleau-Ponty também descreve com a metáfora de uma “fulguração da existência” (1966, p. 204), encontra-se de forma excelente no fenômeno da expressão, que tece reciprocamente a subjetividade, sua situação social e uma possível significação. Assim, Merleau-Ponty escreve que se expressar significa sempre “abrir um caminho entre minha vida e a dos outros” (Merleau-Ponty, 1984, p. 162). Ele acrescenta que uma expressão, nesse sentido, é sempre também uma forma de prática cultural que ancora uma pessoa em sua situação social. Dessa forma, Merleau-Ponty argumenta que os atos de expressão remetem a um engajamento contínuo em uma prática social, cuja imersão precede qualquer pensamento articulado.

EXPRESSÃO CRIATIVA

“Algo em nossa experiência transcende todas as expressões prontas que temos à nossa disposição”, como disse Michaela Summa. Considerando o envolvimento de cada expressão em um mundo social pré-constituído, bem como o caráter intersubjetivo e alteritário dos atos de expressão discutidos, seria mais preciso dizer: “Algo com o qual nossa experiência se confronta transcende todas as expressões prontas que temos devido à nossa situação social e, no entanto, testemunha um desejo fundamental de expressar”. Em um passo culminante, a seguir, consideraremos o conceito de expressão criativa de Merleau-Ponty, pois nele todos os elementos do paradoxal ato de expressão considerados até aqui se dissolvem em um conceito que, em um último passo, formularei como produtividade passiva e medialidade.

Merleau-Ponty distingue entre um uso empírico da linguagem e uma expressão criativa. O primeiro se refere ao uso de uma linguagem já formada, cuja prática é a de “evocar um signo já estabelecido” (1966, p. 118). Essa forma de linguagem empírica, Merleau-Ponty também chama de linguagem falada (*parole parlée*). Na Fenomenologia da Percepção, a linguagem falada significa o conjunto de todos os atos expressivos anteriores e regras gramaticais que restringem as possibilidades de expressão de uma pessoa em seu ato de expressão. Em seu ensaio posterior Sobre a Fenomenologia da Linguagem, a linguagem falada adquire um papel mais fundamental no ato de expressão além desse caráter restritivo, quando Merleau-Ponty escreve que “a linguagem falada [...] é esse momento em que a intenção de significado ainda muda, mas implícita na ação, prova ser capaz de se incorporar à cultura [...]” (1984, p. 129). A linguagem falada é aquela que nos dá a sensação de estar sempre disponível. É a linguagem que preenchemos com nossas intenções de significado e fazemos nossa. Mas ela sempre nos dá mais do que colocamos nela. Porque os significados da linguagem

falada são “sempre ideias no sentido kantiano [...], os polos de um certo número de atos expressivos convergentes que magnetizam o discurso, sem no sentido próprio serem dados” (1984, P. 125). Consequentemente, o significado de uma expressão nunca se esgota em seu gesto empírico e em sua expressão factual. O conceito de linguagem falada sugere que expressar algo significa sempre fazer com que todos os instrumentos de expressão já disponíveis “digam algo que nunca disseram antes” (1984, p. 127). Esse “mais” de sentido e significado se refere ao que Merleau-Ponty chama de linguagem falante e atuante (*parole parlante*), uma expressão criativa que se inscreve em cada ato expressivo. Como já descrito anteriormente, a linguagem falante está “abaixo” da linguagem falada. Ela a precede de uma maneira que sempre ressoa como uma trilha em sua expressão factual. É a capacidade de comunicação que funde a expressão com a “existência viva” de uma pessoa. O conceito de expressão criativa explicita uma dimensão do significado que está em formação e que não pode ser simplesmente reproduzida ou representada. Por esse motivo, a filosofia da expressividade de Merleau-Ponty se orienta preferencialmente para a expressão artística, que ele denomina como o ato expressivo exemplar que apresenta os significados fundamentalmente em sua origem e não testemunha repetições rígidas. Assim, Georg W. Bertram, David Lauer, Jasper Liptow e Martin Seel enfatizam que as obras de arte podem ser entendidas como signos que, “apesar de sua participação em meios estruturados de expressão simbólica como as línguas naturais ou os sistemas tonais, realizam um gesto específico e individual” (Bertram, Lauer, Liptow, Seel, 2008, p. 185). De particular interesse aqui é o fato de que os “meios estruturados de expressão simbólica” (Bertram, Lauer, Liptow, Seel, 2008, p. 190) não geram significados por si mesmos, mas que dimensões significativas se desenvolvem apenas em conexão com correlações perceptivas subjetivas. Bertram, Lauer, Liptow e Seel falam, nesse sentido, de um complexo estrutural em que a situação corporal de um sujeito está em uma relação constitutiva com elementos simbólicos, de cujo complexo só podem emergir sentido e significado. O ato de expressão assume assim a forma de um “fenômeno de transição” (2008, p. 113) que, argumento eu, pode ser descrito de forma mais convincente como produtividade passiva.

O ATO DE EXPRESSÃO COMO PRODUTIVIDADE PASSIVA

A passividade a que se recorre aqui não é uma paixão estática e pura, oposta a uma ação pura, a uma atividade pura. É uma forma lateral, indireta de passividade que, como já mencionado na descrição do caráter dialógico do ato de expressão, sempre carrega consigo uma forma de atividade. Essa passividade lateral pode ser explicada de forma convincente através de seu peculiar caráter temporal (Merleau-Ponty, 2010). Segundo Waldenfels, o paradoxo do ato de expressão reside em que “ele é anterior e mais antigo do que ele mesmo” (1995, p. 116). O sentido da experiência que, na linguagem falante, na expressão criativa, impulsiona para sua expressividade, está em uma certa precedência que

só encontra expressão posteriormente. Ao mesmo tempo, o ato de expressão que se antecede a si mesmo sempre permanece atrás de si mesmo, “pois o que se expressa se indica a si mesmo como ‘excesso’ do significado sobre o dito e do dito sobre o significado, como ‘vazio determinado a ser preenchido por palavras” (Waldenfels, 1995, p. 117). Essa interação entre passado, presente e futuro, que não se segue linearmente, está relacionada ao conceito de Henri Bergson de movimento retrógrado do real, que apresenta um caráter temporal diastático. Como movimento retrógrado, a passividade lateral descrita aqui acompanha uma precedência que preserva seu próprio devir como uma trilha e se revela posteriormente como uma tendência aberta. O caráter diastático dessa passividade lateral reside em seu deslocamento temporal original, que vai além de um mero reencontro e de uma pura invenção. A passividade lateral do ato de expressão é diastática porque aquilo que impulsiona para a expressão não se dissolve naquilo que foi expresso. Waldenfels fala aqui de um “contexto fragmentado” que se espalha como uma rede, “composta de chamados e apelos, de intenções e esforços, e na qual o que e o porquê das coisas”, assim como “o próprio eu e a alteridade do ou dos outros” (Waldenfels, 2012, p. 178) se formam pela primeira vez.

O FENÔMENO DE TRANSIÇÃO “EXPRESSÃO” COMO PRODUTIVIDADE PASSIVA

O fenômeno de transição “expressão”, descrito dessa forma, é caracterizado por uma processualidade – uma medialidade mediadora, uma capacidade de comunicação – que é produtivista em seu núcleo, pois pode gerar algo novo. Ao mesmo tempo, essa produtividade não pode ser atribuída a nenhum elemento individualizável de um poder constitutivo de disposição. A produtividade do ato de expressão é passiva nesse sentido, na medida em que é criativa. Donald A. Landes escreve detalhadamente nesse sentido: “A expressão é uma trajetória aberta de resposta criativa. [...] Ou seja, ‘expressão’ não é o ato de ‘tornar público’ os pensamentos preexistentes, mas a preservação orientada e contínua do passado no presente” (Waldenfels, 2012, p. 109). De acordo com Waldenfels, o fenômeno da expressividade pode, portanto, ser entendido como “criação expressiva”, pois expressão e criação são “dois lados da mesma moeda”. Uma teoria da expressividade desse tipo pode, pensando com Emmanuel Alloa, ser elaborada de forma mais significativa ao longo de uma fenomenologia medial. “[Uma] fenomenologia, portanto, que não antecipa o que sempre deve ser ganho e não o projeta de volta para um reino anterior das eidéias” (Alloa, 2011, p. 238).

Certamente, as descrições aqui exploradas do ato de expressão como produtividade passiva indicam apenas um intercâmbio mais amplo a ser pensado, caracterizado como um tecido relacional de subjetividade, sentido, mundo sociocultural e expressividade. Em um mundo em que nos instalamos com nosso “aparelho expressivo em uma situação” para a qual somos sensíveis, nossas expressões sempre se assemelham apenas a um “balanço final” da troca entre

o que experimentamos, o que queremos expressar e o que expressamos, razão pela qual, no final das contas, nunca podemos expressar tudo (Merleau-Ponty, 1986). A medialidade da expressividade, aqui investigada como produtividade passiva, reside, em última análise, nessa abertura inesgotável e na possibilidade de expressar algo novo.

20/20

AUFKLÄRUNG, João Pessoa, v.13, n.1, Mai., 2026, p.1-20 / e.71982

REFERÊNCIAS

- ALLOA, Emmanuel, *Das durchscheinende Bild. Konturen einer medialen Phänomenologie*, Zürich: Diaphanes, 2011.
- APOSTOLOPOULOS, Dimitris. *Merleau-Ponty's Phenomenology of Language*, London/New York: Rowman & Littlefield Publishers, 2019.
- BERGSON, Henri, *La Pensée et le Mouvant*. Paris: Minuit, 2014.
- BERTRAM, Georg W.; LAUER, David; LIPTOW, Jasper; SEEL, Martin. In *der Welt der Sprache*, Frankfurt/M: Suhrkamp, 2008.
- HUSSERL, Edmund, *Husserliana*. Edmund Husserl. *Gesammelte Werke Band I. Cartesianische Meditationen und Pariser Vorträge*, hg. Stephan Strasser, Den Haag 1950.
- HUSSERL, Edmund. *Gesammelte Werke. Band VI. Die Krisis der Europäischen Wissenschaften und die Transzendente Phänomenologie*, hg. Walter Biemel, Den Haag 1976.
- LANDES, Donald A. *Merleau-Ponty and the Paradoxes of Expression*, London/New York: Bloomsbury, 2013.
- LANDES, Donald A. *Language and development: paradoxical trajectories in Merleau-Ponty, Simondon, and Bergson*. in: *Phenomenology and the Cognitive Sciences* 16, 2017, S. 506–607.
- MARRATTO, Scott L. *The Intercorporeal Self: Merleau-Ponty on Subjectivity*. State University of New York Press, 2012.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Signes*. Paris: PUF, 1960.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Phänomenologie der Wahrnehmung*, Berlin, 1966.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Sens et Non-Sens*. Paris: Minuit, 1966.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Die Prosa der Welt*. München: Leford, 1984.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Das Sichtbare und das Unsichtbare*. München: Leford, 1986.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Husserl at the Limits of Phenomenology*, eds. Leonard Lawlor, Bettino Bergo. London: Evanston 2002.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Das indirekte Sprechen und die Stimmen des Schweigens*. In: ders., *Das Auge und der Geist. Philosophische Essays*. Hamburg: Meiner Verlag, 2003, S. 111–176.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Über die Phänomenologie der Sprache*. In: *Zeichen*, Hamburg: Meiner Verlag, 2007, S. 117–138.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. *Institution and Passivity*. London: Evanston 2010.
- STEINBOCK, Anthony. *Grenzüberschreitungen. Generative Phänomenologie nach Husserl*, Freiburg/München: Karl Alber, 2003.
- SUMMA, Michaela. *Expression and the Performative: A Reassessment*, in: Lucilla Guidi, Thomas Rentsch (eds.), *Phenomenology as performative Exercise*. Leiden/Boston: Band 69, 2020, S. 99–119.
- TENGELYI, László, *Erfahrung und Ausdruck: Phänomenologie im Umbruch bei Husserl und seinen Nachfolgern*. Berlin: Dordrecht 2007.
- WALDENFELS, Bernhard. *Das Paradox des Ausdrucks*, in: ders., *DeutschFranzösische Gedankengänge*, Frankfurt/M: Suhrkamp Verlag, 1995, S. 105–123.
- WALDENFELS, Bernhard. *Bruchlinien der Erfahrung*, Frankfurt/M: Suhrkamp Verlag, 2002.
- WALDENFELS, Bernhard. *Grundmotive einer Phänomenologie des Fremden*, Frankfurt/M.: Suhrkamp Verlag, 2006.
- WALDENFELS, Bernhard, *Sozialität und Alterität. Modi sozialer Erfahrung*, Berlin: Suhrkamp Verlag, 2015.